

mia
coutho
vagas e lumes

Poesia

CAMINHO

VAGAS

AUTOBIOGRAFIA

Onde eu nasci
há mais terra que céu.

Tanto leite é uma bênção
para mortos e sonhadores.

E de tão pouco ser o céu
nasce o Sol
em gretas nos nossos pés
e os corações se apertam
quando remoinhos de poeira
se elevam nos telhados.

As mães
espanam o teto
e poeiras de astros
cobrem o soalho.

De tão raso o firmamento,
a chuva tropeça nas copas
enquanto nuvens
se engravidam de rios.

Com tanta escassez de céu
não há encosto
nem para a mais minguante lua
e os meninos,
na ponta dos dedos,
acendem estrelas.

Pois,
nessa terra
que é tanta para tão pouco céu,
calhou-me a mim ser ave.

Pequenas que são,
as minhas asas parecem-me enormes.

Envergonhado,
escondendo-as dos olhares vizinhos.

Nas minhas costas
pesam
versos e plumas.

Voarei,
um dia,
sem saber
se é de terra ou de céu
a pegada do voo que sonhei.

O HABITANTE

(ao meu pai)

Se partiste, não sei.
Porque estás,
tanto quanto sempre estiveste.

Essa tua,
tão nossa, presença
enche de sombra a casa
como se criasse,
dentro de nós,
uma outra casa.

No silêncio distraído
de uma varanda
que foi o teu único castelo,
ecoam ainda os teus passos
feitos não para caminhar
mas para acariciar o chão.

Nessa varanda te sentas
nesse tão delicado modo de morrer
como se nos estivesses ensinando
um outro modo de viver.

Se o passo é tão celeste
a viagem não conta
senão pelo poema que nos veste.

Os lugares que buscaste
não têm geografia.

São vozes, são fontes,
rios sem vontade de mar,
tempo que escapa da eternidade.

Moras dentro,
sem deus nem adeus.

INCERTIDÃO DE ÓBITO

Quando forem de pedra
os teus olhos:
uns te darão por falecido.

Quando forem de fogo
os insetos que te devoram:
talvez então te digam defunto.

Mas nem pedra nem fogo
te darão ausência:
no teu ombro
pousa o voo dos regressos.

A vida
é um prematuro sonho.

Só morre
quem nunca viveu.

ÁRVORE

Onde os frutos maduram:
sal e sol em minhas veias,
luz e mel em boca alheia.

Onde plantei
a alta acácia das febres
eu mesmo me deitei,
para ser a raiz da semente,
e de madeira e seiva
se fez o meu corpo.

Agora,
chove dentro de mim,
em minhas folhas se demoram gotas,
suspensas entre um e outro Sol.

Em mim pousam
cantos e sombras
e eu não sei
se são aves ou palavras.

PREMATUROS OLHOS

Muito antes de mim,
os meus olhos
andaram a despir o mundo.

O que era roupa
tombou num escuro abismo,
desolada ave sob a chuva.

E não era roupa,
era alma de gente,
sonhos à procura do tempo.

Debruçada na margem,
a lavadeira sabe:
não é da roupa que cuida.
É o próprio rio que ela lava.